

MIGRANTES, REFUGIADOS E GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA

MIGRANTS, REFUGEES AND GLOBALIZATION OF INDIFFERENCE

Sheila Maria Doula¹

¹ Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil

Correspondência para: Sheila Maria Doula (sheila@ufv.br)

doi: 10.12957/geouerj.2018.33330

Recebido em: 25 mar. 2018 | Aceito em: 15 mai. 2018



BAUMAN, Zygmunt. Extraños llamando a la puerta. Barcelona: Paidós Ibérica (Estado y Sociedad), 2016, 112p.

Filósofo, sociólogo, pensador, inconformista. Não faltam adjetivos para tentar definir Zygmunt Bauman, falecido em janeiro de 2017, aos 91 anos de idade e em plena atividade intelectual. Bauman deixou uma respeitável obra que ultrapassa 70 livros, traduzidos em diversas línguas, inclusive no Brasil. Sua grande marca é, sem dúvida, uma linguagem acessível, o que tornou possível a popularização de sua teoria sobre a modernidade, a vida, os tempos e o amor líquidos, que são os títulos de seus livros mais vendidos por aqui (BAUMAN, 2001, 2004, 2005 e 2007).

As notícias sobre sua morte enfatizaram a trajetória pessoal marcada por guerra nacionalistas, perseguição política, exílios e deslocamentos entre a Polônia, seu país de origem, a ex-União Soviética, Israel e finalmente a Inglaterra, para onde se mudou no início dos anos 1970 e lecionou na Universidade de Leeds até 1990. Em uma de suas entrevistas, em 2015, Bauman retomou a definição de Edward Said sobre o exílio biográfico e definiu sua própria biografia como a de um outsider, com experiências profissionais e de vida em diferentes tipos de sociedade, mas nenhuma delas sendo completamente a “sua casa” (TABET, 2017).

Extraños llamando a la puerta (Strangers at Our Door) é um livro que trata dos deslocamentos e diásporas que se avolumaram notadamente a partir de 2014; nele Bauman enfatiza que devido a sua

magnitude, as migrações recentes nos colocam ao mesmo tempo um desafio demográfico e de gestão territorial, mas principalmente de ordem cultural e política. O fio condutor do livro é o desencanto do autor com a forma com que governantes e populações se aliam nas respostas geralmente violentas ao fenômeno “indesejado” das migrações massivas e aos milhares de exilados que recentemente batem às portas da Europa e dos Estados Unidos. Os temas da migração e do exílio, caros à própria trajetória pessoal de Bauman, permitem que ele utilize um tom emocionado, mas crítico, para se referir ao que ele chama de “globalização da indiferença”, ou seja, à atitude de sermos todos cúmplices em “lavar as mãos” e afirmar que o problema dos outros “não é nosso”.

Essa indiferença, segundo Bauman, fica cada vez mais nítida a partir de 2016, quando se fortalece o viés nacionalista das campanhas eleitorais e dos discursos políticos. Bauman destaca o uso intencional e ideológico do “problema migratório” e considera que não é coincidência a ligação entre a imigração massiva, a ascensão da xenofobia e a escalada dos “homens e mulheres fortes”, como ele chama os candidatos que prometem segurança contra os imigrantes com slogans de “devolver a França aos franceses” e os “Estados Unidos aos norte-americanos”.

O livro está dividido em seis capítulos e em cada um Bauman constrói um argumento para analisar as estratégias que vem sendo criadas para tratar do “problema” das migrações na contemporaneidade. Inicialmente o autor desenvolve o tema do pânico ao considerar que para a “população em geral” o imigrante se assemelha aos “homens-anúncio” do início do século XX, que alardeavam pelas ruas o fim do mundo. Bauman considera que no imaginário contemporâneo o crescimento “assustador” dos movimentos migratórios retoma esse apelo emocional a um perigo difuso, vindo não se sabe de onde, sobre o qual não temos responsabilidade, mas que certamente irá destruir o bem-estar que a duras penas foi possível alcançar.

No caso das migrações recentes, esses fatores difusos e misteriosos são as próprias forças econômicas globais, que se impõem no cotidiano sem nosso consentimento e sem nossa total compreensão. Nesse sentido, os imigrantes, como mensageiros das más notícias, expõem a fragilidade das nossas posições sociais e das nossas identidades e instauram a insegurança e a desesperança sobre a continuidade de

todas as fronteiras (geográficas, linguísticas, culturais e econômicas) que davam contorno a um mundo que nos era tão familiar e aparentemente seguro. Nessa lógica, cria-se um terreno fértil para a explosão dos sentimentos de aversão e dos discursos políticos nacionalistas para justificativa de construção de muros (concretos e simbólicos), pois a única solução oferecida é a separação - fácil, porém traiçoeira.

Em seguida, Bauman argumenta que o medo difuso é uma daquelas oportunidades que os políticos jamais deixam passar, principalmente se a identificação de um bode expiatório puder encobrir a debilidade dos governos em resolver problemas cotidianos da população ou assegurar um futuro. O surgimento da figura dos “homens e mulheres fortes”, tal como Bauman chama os governantes que prometem a securitização da sua sociedade contra os estrangeiros, é um fenômeno que atesta a impotência dos estados-nação em promover atualmente qualquer tipo de estabilidade, daí se recorrer aos velhos estereótipos sobre o migrante como aquele que invade e sempre tira algo de nós. Em diálogo com Eric Hobsbawm, que havia identificado o recrudescimento do nacionalismo e da etnicidade em momentos de convulsão social, Bauman considera que a figura do “salvador” na atualidade indica a vontade inconsciente de se ter alguém que prometa fechar as portas, deixando o planeta globalizado e seus problemas do lado de fora.

Assim como em outros de seus livros, Bauman reforça o argumento de que as imigrações são “danos colaterais” da globalização e da modernidade líquida (BAUMAN, 2001, 2013), e administrá-los passa a ser o maior desafio do século XXI. Mas, por enquanto, governantes e sociedades têm abusado de uma “cegueira moral” (BAUMAN, 2014) ao tratar os refugiados como apenas um problema de segurança nacional. Devolver a “França para os franceses” ou os “Estados Unidos para os norte-americanos” se tornam discursos políticos de efeito (e de grandes resultados eleitorais) que funcionam como bote salva vidas, ou nas palavras do próprio Bauman, como “sirenes celestiais” no mundo líquido das identidades territoriais e nacionais que os forasteiros insistem cada vez mais em confundir.

Extraños llamando a la puerta demonstra o acompanhamento atento que Bauman dedicava aos veículos midiáticos e para ele a avalanche de imagens dramáticas nos noticiários contribuiu para nos

cansarmos da “tragédia dos refugiados”. Para escamotear esse cansaço, tanto a mídia como os candidatos e governantes de várias partes do mundo passaram a utilizar o recurso retórico da chamada “crise humanitária dos refugiados”, tão evidente em 2016, um ano antes da morte do autor. Mas apesar de ser identificada como humanitária, Bauman exemplifica no livro vários deslizes discursivos para argumentar que, na realidade, vivemos uma crise de “des-humanização”. O Secretário da Agricultura do estado do Texas, por exemplo, comparou os refugiados sírios que trabalham nos campos a cascavéis para perguntar qual dos dois “bichos” atacariam primeiro os norte-americanos e notícias no Daily Mail compararam os ruandeses ilegais a baratas.

Para essa desumanização também contribui a interpretação dominante de que os imigrantes já são considerados “restos” indesejáveis em seus próprios países de origem. Assim, as situações das quais eles fogem (guerrilhas urbanas e rurais, genocídios étnicos e religiosos, bombardeios nas cidades e no campo, queima das colheitas, fome, rapto de meninas de suas vilas) seriam mais resultados da barbárie que eles próprios escolheram do que resultados das relações históricas e geopolíticas de poder entre o norte e o sul do planeta. Mais uma vez, como argumenta Bauman, trata-se de uma cegueira moral e histórica.

Na parte final do livro Bauman analisa a atual dissonância cognitiva entre conhecimento e conduta moral. O argumento principal é de que a fé, ou seja, a crença cega naquilo que os outros sempre fizeram e costumam fazer acaba suplantando o conhecimento e qualquer prova em contrário sobre o perigo dos imigrantes. Assim, ao invés de proporcionar um contraste crítico, a fé no preconceito só permite a demonstração e confirmação do medo embutido na relação nós-outros e no pavor ao desconhecido. Bauman considera que imigrantes e refugiados desnudam o fato de nosso bem-estar ser volátil e nossa segurança frágil. Essa percepção ativa o processo de nos tornarmos vítimas e, como consequência, acende a busca por culpados.

Bauman conclui que, infelizmente, retomamos mecanismos fáceis e já cristalizados para lidar com a atual situação dos deslocamentos populacionais forçados por guerras civis, perseguições políticas, religiosas e étnicas ou por insustentabilidade ambiental, pobreza e fome. Estamos, pois, longe do

entendimento que o conhecimento pode gerar, do diálogo ou de qualquer forma de aproximação espontânea com o “outro”. Retomando uma expressão do Papa Francisco usada quando este visitou Lampedusa em 2013, a “indiferença globalizada” é o fio condutor do livro e, mesmo que alguns leitores considerem piegas, tal como o papa, Bauman se pergunta se em face da situação dramática dos refugiados: “¿Ha llorado alguien hoy en nuestro mundo?”. Para ele, em um mundo que já esgotou a capacidade de se caber em si mesmo, o diálogo e o entendimento de/entre diferentes mundos da vida são a única via possível para o desafio que bate a nossa porta.

O livro de Bauman é oportuno não apenas para entendermos os jogos políticos da reação negativa aos deslocamentos humanos para a Europa e Estados Unidos, mas também para nós, brasileiros, que passamos a conviver com as diásporas, notadamente as haitianas e as venezuelanas. Também em nosso caso nos deparamos com explicações sobre as limitações de infraestrutura das capitais e cidades do interior para receber os refugiados, medo generalizado de que causem maior desemprego e violência, reintrodução de doenças como o sarampo, aumento dos gastos públicos com estrangeiros e dificuldades para gestão geopolítica dos territórios “invadidos”. Uma questão assume, pois, relevância: quão próximos ou distantes estamos dos cenários analisados por Bauman?

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. *Vida Líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Danos colaterais*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMANN, Zygmunt e DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

TABET, Simon. Interview with Zygmunt Bauman: From the Modern Project to the Liquid World. *Theory, Culture & Society*, v. 34, n. 7-8, p. 131-146, 2017.